

ÁGUA VIVA: OBRA EM DEVIR, REALIDADES E FICÇÕES

Alexandre Cezar Nascimento dos Santos¹, Sílvia Regina Pinto²

¹Universidade do Estado do Rio Janeiro - UERJ / Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras, Rua São Francisco Xavier 524, 11º andar, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, alexged22@yahoo.com.br.

²Universidade do Estado do Rio Janeiro - UERJ / Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras, Rua São Francisco Xavier 524, 11º andar, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ.

Resumo- Este trabalho tem como percurso de pesquisa o estudo de algumas ambiências críticas ao conceito de representação enquanto identidade, assim como suas inerentes implicações nas artes e no pensamento. Colocamos em evidência algumas propostas filosóficas dos pensadores Gilles Deleuze e Henry Bergson para um pensamento que ultrapassasse os princípios constitutivos de adequação da razão representativa. Associamos esse contexto teórico relacionando os principais conceitos vistos e ficção literária, em especial a “obra em devir”, como o presente trabalho propõe, de Clarice Lispector: *Água viva*.

Palavras-chave: ficção, realidade, representação, diferença, *Água viva*.

Área do Conhecimento: Lingüística e Artes

Introdução

Várias áreas de conhecimento diferentes e uma gama de conceitos diversos permeiam as inúmeras concepções possíveis de ficção e realidade, representação e diferença, o que coloca qualquer tema e/ou recorte pretendente a uma investigação que os perpassa, em um resvalar constante de redução inevitável. O presente escrito pretende despertar certas questões relativas ao conceito de representação caracterizado enquanto adequação, assim como suas ligações intrínsecas com as concepções radicais de entendimento dos parâmetros e referenciais de ficção e realidade tendo como movimento de leitura o texto *Água viva*.

Ou seja, estão nossos olhos vertidos para as relações entre concepções de realidade e ficção, possuindo como prismas principais de observação os conceitos de representação e diferença e tendo a literatura por caminho e movimento.

Por um lado, diferença e representação enquanto verbalizações autônomas da relação ser-mundo, porém, de certa forma, completamente imbricadas na história do pensamento Ocidental.

Por outro, realidade e ficção enquanto eterna criação e revisitar constante dos liames desses mesmos processos de relacionamento, na afirmação de uma potência própria, literária, em relação ao manancial de conceitos imbuídos nas considerações e conclusões que a história do pensamento legou à representação.

Vestidos com as lentes de filosofia, artes e literatura, esta pesquisa investiga os temas acima colocados, tendo como plano de trabalho e inspiração literária maior, a magistral obra de Clarice Lispector, *Água viva*.

Materiais e Métodos

O caminho que essa pesquisa percorreu até chegar ao texto que hoje se encontra em apresentação, se funde perfeitamente com as questões que a mesma abriu em sua composição. O percurso, nesse sentido, é tão importante quanto o próprio texto que se imprimiu e é agora apresentado a esse encontro.

No abrangente e difícil percurso de delimitação do objeto, uma questão se colocava renitente: as fronteiras e intersecções dos discursos que se debruçam entre as concepções de ficção e de realidade.

Estaria configurada, então, uma persistência investigativa que se manteria como parte de todo o percurso de composição do escrito e seria violentamente alimentado pelas leituras de *Água viva*, de Clarice Lispector: a do movimento e a da fixidez.

O teórico escolhido para ser trabalhado inicialmente foi Henry Bergson e o conceito pertinente o de duração real em contraposição ao de tempo espacializado. A questão da duração, em Bergson, interessava logo de início porque é colocada em contraposição ao tempo matemático, tempo espacializado, que toma o movimento pela imobilidade, estagnando assim o movimento real que se daria de forma inexprimível pela tesoura da razão analítica, sendo passível somente de ser atingido pela intuição, um outro conceito bergsoniano que não esmiuçaremos dada a extensão e caráter do proposto.

Nessa linha de pensamento, as questões relativas à ficção e realidade poderiam ser pensadas em uma perspectiva nova: a do tempo que não se coloca submetido ao espaço, dando

assim margem para que o conceito bergsoniano de intuição pudesse ser aproximado ao movimento que compõe o literário.

Mas a questão principal de Bergson não pára na contraposição entre espaço e tempo, ela caminha para uma crítica que se coloca em relação à soberania da razão na própria validação e autenticidade do conhecimento. As relações entre ficção e realidade tomam outras possibilidades de leitura que não parariam em referenciais determinados e rígidos. Ou seja, na relação entre literatura e realidade, a questão da adequação e da soberania dos discursos da razão analítica se tornaram mais inquietantes e norteadores para o presente escrito.

E foi imbuído na leitura bergsoniana e de seus principais teóricos que cheguei à obra *Bergsonismo*, de Deleuze. Este livro trata de alguns pontos da filosofia de Bergson e da filiação do próprio Deleuze com seu pensamento. Ele percorre, de uma maneira muito particular, por certo deleuziana, os conceitos de duração real, de intuição e de movimento, e outros conceitos do bergsonismo. E é com as objetivas do conceito deleuziano de diferença que este próprio enxerga em Bergson um dos maiores críticos à razão analítica e aos pressupostos dessa que se relacionam à representação e a identidade.

Com essa trajetória teórica se delineando, foi inevitável que o eixo de pensamento em que se colocavam as questões relativas à ficção e realidade se fortalecesse com conceitos e pensadores que trabalhassem de forma crítica as questões que circundam a representação. Representação essa que é um dos principais parâmetros de assunção, validação e julgamento na história da arte e do pensamento. As relações entre os conceitos pertinentes à representação e literatura, então, se tornaram intrínsecos e indissociáveis do percurso teórico que já estava sendo tomado.

Um dos pontos de contato mais fortes que encontrei em relação às ambições desse escrito com a escrita de Clarice foi a maneira como a autora trabalhava o movimento, fluxo e a questão do instante-já. Em uma releitura de Henry Bergson, já contaminado com as idéias deleuzianas de diferença, novamente nos deparamos com as questões que a representação trazia para o pensamento, em Bergson mesmo, e como consequência, para a literatura, e também da proposta que Deleuze faz em pensar a diferença pura em contraposição às formas adequativas de referência e semelhança a que se respalda a razão nos conceitos que circundam a representação.

Dessa forma, ficava assim aberto o caminho da filosofia de Henry Bergson e também a de Gilles Deleuze para considerações pertinentes sobre o texto *Água viva*, de Clarice Lispector.

Resultados

Procuramos uma avaliação dos resultados decorrentes dos acompanhamentos que a pesquisa tomou em seu curso baseada nas aproximações possíveis e decorrentes interpretações de algumas ambiências críticas do texto clariceano de *Água viva* ao imobilismo sedentário de uma razão hierarquizante e adequada, assim como também aproximamos o movimento intrínseco de seu texto com questões que trabalham os delgados liames pertencentes aos pares de conceitos: ficção e realidade, representação e diferença.

Tendo em consideração que a maioria das questões decisivas relativas à literatura e arte são tomadas na maior parte das vezes a partir do prisma da representação, pretende tornar-se, o presente escrito, mais uma contribuição às investigações que perpassam essas fronteiras de forma crítica.

Entendemos, todavia, que a obra clariceana em questão trabalha e propõe literariamente uma alternativa outra de entendimento da realidade e da própria literatura, calçada essa no movimento e fluidez e para além da estagnação do pensamento arraigado nas profundezas dos mananciais da adequação representativa, mas antes um pensar que se traveste loucamente em um fluido dançante que desliza na superfície da palavra-metáfora, criadora de sua própria estância de realidade e pensamento auto-referente.

Clarice, nesse ponto, me parece tentar fugir, a todo momento na leitura que tive de *Água viva*, às pertinências da representação e do absoluto fixo, buscando sempre o movimento do pensamento, princípio básico de sobrevivência deste, não enquanto desvelamento sedentário de algum possível palimpsesto oculto salvaguardado pela lógica e tido como autenticamente necessário, porém, um pensamento nômade que não se interrompe nunca em seu propósito e movimento. Ou com as próprias palavras de Clarice:

“Ainda tenho medo de me afastar da lógica porque caio no instintivo e no direto, e no futuro: a invenção do hoje é o meu único meio de instaurar o futuro. Desde já é futuro e qualquer hora é hora marcada. Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais.” (LISPECTOR, 1998: 12).

Um dos pontos a que logo chegamos, seguindo as proposições acima, é na afirmação título desse escrito, ou seja, do livro *Água viva* como obra em devir. E assim o é por uma tentativa de nunca se deixar fechar completamente, sendo explícito, inclusive nessa tentativa de tangência entre ficção e realidade.

Discussão

A reestruturação do movimento e devolução de seu lugar dentro do pensamento, e a própria tentativa de proclamação de um lugar no pensamento que não se renda a uma centralidade fixa e estagnante é vista em vários momentos da humanidade na sua categoria de discurso radical que é a literatura. Este seria o lugar do movimento por excelência, como problemática própria, em diversas vezes na ficção como principal, e também força motriz de destruição das interposições dualistas que a razão moral coloca como dadas, julgadas. Como catalisador memorável dessas desfigurações, elegemos algumas palavras em especial a partir do texto clariceano de *Água viva*.

Acompanhando, então, no texto e tessitura da escrita clariceana de *Água viva*, como fomentador em paralelo, suplemento, de nossa discussão, a fluidez, o devir e a mudança são marcas muito mais do que estigmatizadas, porém, antes, princípio próprio de escape e sobrevivência do pensamento ininterrupto, em trânsito, que se dá dentro e fora da ficção.

“Alimentar-se diretamente da placenta” (LISPECTOR, 1998: 09), como a mesma diz já no início do livro, largar-se no instante-já, subverter a seqüencialidade necessariamente temporal das palavras, são, dentre outras passagens, o intento maior desta empresa clariceana. São como laços que se formam e se desfazem, cortando o texto que enquanto escrita fragmentada nega e bloqueia o fechamento e finalidade da obra, senão no todo, ao menos em alguns recortes. E mesmo que tomado enquanto um todo composto de fragmentos, também nega abertura e origem para uma concepção de obra fechada, formando ciclos ininterruptos de vórtices anti-verbosos instauradores de silêncios colossais em gritos de inefabilidade. Intento de inefabilidade que é o inefável motor dessa nunca fechada escrita que sempre se fazendo ao contato do olhar, da leitura, se expande.

Com o sentido de cada palavra remetendo a uma metáfora, ou seja, remetendo ao lugar do não-escrito, ou melhor, do por-se-escrever, Clarice mantém maior parte deste seu escrito na tensão do limiar mais estreito entre o que é possível que se diga e do como e se é possível dizer o que não se diz, o inefável. Ela *en-toca*, portanto, o silêncio nas entrelinhas do texto para protegê-lo, dessa forma, da outra cova, a racional representativa. Assim, o faz implodir preenchendo as entrelinhas de poesia e movimento. Dessa tensão puramente “onto-lógica” de ser e devir faz-se ebulição e diferença em seu texto e o que se diz passa a remeter sempre a uma tentativa sincera de inefabilidade, transformando, então, o que não se diz em “silêncio-ao-revés”, ou seja, na forma mais gritante possível do silêncio.

Isso só é possível na medida em que o ato de leitura acontece sempre no “instante-já”, voando em movimento num vórtice que a princípio só levaria ao próprio vórtice em sua superfície, rodando em círculos sempre incompletos e desreferenciados.

Dessa forma, as entrelinhas clariceanas, abismos existenciais que ligam uma palavra-som a uma já outra palavra-sentido, são colocadas em puro lugar de destaque em detrimento da própria palavra enquanto representação. Isso é realizado por Clarice como quase que se não pudesse deixar que as palavras esmagassem as entrelinhas do texto. A escrita de *Água viva* ‘rejeita’ a palavra como que querendo se aproximar do silêncio para dele logo se afastar e não o estagnar, ou até mesmo cegar-se representativamente para com este: “As palavras é que me impedem de dizer a verdade [...] Simplesmente não há palavras. O que não sei dizer é mais importante do que o que eu digo [...] meu livro melhor acontecerá quando eu de todo não escrever” (LISPECTOR, 2004).

Água viva vai, dessa forma, tecendo e desfiando seu texto, por diversos momentos, como que evitando que a seqüencialidade temporal inerentemente à espacialização do tempo interrompa o fluxo, movimento do instante-já. Tenta ficar, desta forma, no âmbito do criar, fugindo sempre ao criado, ao dado, ao feito, à obra. A obra torna-se, então, o caminho que leva à obra, ao fazer-se obra na incidência do contínuo e eterno erigir próprio do sentido.

Neste plano do eterno fazer-se que é o texto de *Água viva*, a ebulição e tensão outrora ditas acima transbordam em devir pleno ao mesmo tempo em que são, ou seja, tudo passa a fluir em uma mudança constante. Melhor ainda, no jogo entre o dizer o inefável e ‘inefabilizar’ o que se diz, *Água viva* faz uma explosão que transforma o sentido em verbo. Ou seja, o sentido faz-se, torna-se, eternamente, não permitindo nunca ao escrito tornar-se obra, no sentido de fechar-se, imóvel, engessado em analogias e tesouras analíticas.

Poderíamos, pela própria estética que esse texto de Clarice nos apresenta, dizer que não há uma obra em *Água viva*. Este escrito não seria obra na medida em que ele é pura tensão de criação, é o verbo só, desprovido de predicação “é...”. Fomenta-se, através deste tear e desfiar, a espera(nça) do instante-já, da volta do “herói-agora”, do silêncio originário, que passa, rasgando a teia do infinito, ao “pronunciar” de cada sílaba.

Conclusão

Seguindo essa orientação literária clariceana e os percursos teóricos mais acima descritos, o texto acaba se delimitando, então, tendo como base para que fossem pensados os seus conceitos, os

pensadores Bergson e Deleuze, e a motivação literária despertada com a leitura da ficção *Água viva*.

Apesar da probabilidade de que um certo tom panfletário possa vir a ser percebido em relação às posições e aos conceitos colocados no que se remete à representação e diferença em relação direta à crise da razão na contemporaneidade, não se faz como intenção desse texto aqui apresentado, a exclusão, substituição, de um conceito pelo outro. Isso feito seria como aniquilar a própria concepção de diferença colocada no escrito.

Equivaleria, assim, a trazer para a diferença o semelhante, a identidade, no oposto radical da ausência de limite. O intuito maior, então, foi de apresentar a alternativa de um possível outro ponto de observação como palpável e tentar, desta forma, fazer a comunicação entre esses conceitos com literatura e pensamento, nas vozes dos filósofos escolhidos e da escritora trabalhada. Os conceitos revisitados são de intrínseca importância para que literatura seja, então, reavaliada como estância de conhecimento e também para que o pensamento assuma um estatuto nômade, em contínua formação e mudança.

E é dessa forma que é interrompida a trajetória percorrida pelo texto, com a ancoragem e pertinência das indagações desenvolvidas ao longo da caminhada, no solo literário propriamente dito, buscando, assim, potências novas e próprias para o discurso literário através da comunhão com sua co-irmã filosofia. As questões colocadas não se encerram e nem se fecham nunca, somente se interrompem temporariamente nesse espaço do texto aqui colocado que agora se encerra.

Por fim, a literatura enquanto ficção, e também enquanto crítica, vive e deve sempre viver, do repensar contínuo de seus modos e relações, evitando assim a cristalização de suas bases de formação, e em formação. Bases estas que, nesse trabalho, foram olhadas pelos prismas de representação e de diferença e sua relação com ficção e realidade.

Basta lembrar que na comunhão entre arte e filosofia, Bergson propõe a incorporação dos parâmetros da linguagem poética como método para esta (JOHANSON, 2005: 17). A literatura é tomada como paradigma filosófico. As categorias de movimento, intuição, liberdade e criação, são todas pertinentes às duas, segundo o filósofo francês.

Tomando emprestado a voz da filosofia, é nesse sentido maior que esse escrito tentou trabalhar literatura: com uma aproximação, na medida do possível, sem as hierarquias analíticas da razão: da ficção como modo de conhecimento. E também, na medida que o real se mostra enquanto discurso, epistême, tenta também

aproximar os pólos e tessituras concernentes às concepções de ficção e de realidade.

Referências

- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- Clarice. *Sobre a escrita...* in: Revista Nova Escola. Publicada em 22/11/2004. Versão on-line: http://novaescola.abril.com.br/especiais/saladeleitura/clarice_lispector.htm. Acesso em 31 de julho de 2006.

- JOHANSON. Izilda. *Arte e intuição: a questão estética em Bergson*. São Paulo: Associação Humanitas / FFLCH / USP, FAPESP, 2005.